



O DRAMA DE STRINDBERG: SENHORITA JULIA E A DRAMATURGIA DO EU

Morgana Barros Dias (UFAL)¹
E-mail: morganabadi@gmail.com

GT2: POLÍTICAS E ESTÉTICAS DAS ARTES

Resumo: O presente artigo fala sobre a peça teatral *Senhorita Julia* (1889), de August Strindberg, e discute as relações entre classes e gêneros diferentes sob a ótica do autor em seu contexto naturalista e a dramaturgia do eu na construção do drama teatral.

Palavras-chave: *Senhorita Julia*. Strindberg. Naturalismo. Classes sociais.

A peça teatral *Senhorita Julia* (1889), de August Strindberg, se passa em uma noite de São João na mansão do conde, pai de *Senhorita Julia*, e é iniciada com o diálogo de dois criados, Kristin, a cozinheira, e Jean. Eles estão na cozinha conversando sobre como a *senhorita Julia* está enlouquecida e dançando sem se preocupar com quem. A preocupação expressada por Jean ao falar sobre *senhorita Julia* e seus modos com Kristin se dá pela diferença de classes, haja vista não ser habitual que alguém de um nível social elevado e do gênero feminino se expusesse de tal forma. *Senhorita Julia* não é, segundo Jean, uma pessoa muito refinada para sua posição. Eles seguem levantando suspeitas sobre o porquê ela não acompanhar seu pai na viagem para visitar parentes, conjecturando que ela estaria envergonhada pelo escândalo com seu noivo – eles haviam terminado após uma cena de dominação sexual que ele não teria encarado muito bem, e decide por acabar o noivado com *Julia*.

¹ *Graduanda do curso de Teatro (licenciatura), na Universidade Federal de Alagoas.*



Senhorita Julia é uma moça jovem que pertence a uma família com títulos e que cresceu com as boas coisas. Ela foi criada por seus pais, mas perdera a mãe ainda bem nova, afirma que ela a ensinara que sobre a igualdade de gênero – algo distoante da sociedade em que viviam – e diz que aprendeu a odiar os homens com ela. Em dado momento, senhorita Julia volta à cozinha de sua casa e convence, com sucesso, a Jean que a acompanhe nas danças, que lhe sirva bebidas e que tenha com ela momentos de intimidade. Porém, após a sedução mútua, ele mostra sua verdadeira face e revela suas intenções e opiniões sobre ela. Durante toda a conversa, Strindberg mostra um jogo sobre a sordidez das relações humanas entre as personagens. Silva diz:

Strindberg, que esteve preocupado em traduzir o sofrimento (pathos) das relações afetivas às quais ele mesmo se submeteu com algum grau de absolutismo (...) Do ponto de vista analítico das questões relativas à teoria política, o recurso à estética do teatro (...) oferece novamente uma atualização metodológica de uma temática cuja importância não se esgota nos dias atuais. (2009, p.232)

Na construção desse diálogo entre Jean e senhorita Júlia, ela tenta, insistentemente, quebrar a barreira entre sua posição aristocrata e a posição dele de criado, que a encanta com suas experiências e aparente retidão e admiração por ela, contando histórias de infância em que desafiara à obediência para vê-la na igreja, e que se escondera entre erva daninhas para isso. Essa mesma insistência em quebrar barreiras evidencia a diferença entre as classes. Em crítica ao longa-metragem *Miss Julie* (2014), adaptação irlandesa da peça dirigida por Liv Ullmann, Araújo elucida que:

É um pouco mais do que isso: trata-se de provocar John, levá-lo à exasperação. John responde instaurando o que se pode, não inapropriadamente, chamar de luta de classes: o oprimido suporta por algum tempo a opressão, depois rebela-se. Essa revolta o leva até onde Julie pretendia: à cama. (2015)

Senhorita Julia sucumbe ao suicídio sugerido por Jean, deixando mais um questionamento sobre a relação de classes: ela, enquanto representante da aristocracia na trama e ele, enquanto representante da burguesia em ascensão à época, seria a



representação da morte do velho para a continuação do então novo sistema capitalista? Tratando-se do teatro naturalista, a sordidez dos relacionamentos é um ponto preponderante na escrita strindberguiana, chamada por Freitas e Lopes de “Teatro Íntimo” e “dramaturgia do eu”, pois aborda a escrita do autor enquanto autobiográfica.

A autoficção ficou conhecida pelo seu teor híbrido, em que o que está em jogo não é a representação do sujeito a partir das suas vivências, mas o autor enquanto personagem construído discursivamente. (...) Não só por se tratar de um dramaturgo já consagrado, mas pela própria importância que os fatores da vida do autor assumem ao longo das suas narrativas. Desta forma, o autor conhecido pela abordagem psicológica de suas obras admite o “eu” como sujeito falante. (2014, p.3)

Desta forma, embora a senhorita Julia detenha o poder e o dinheiro, o capital necessário ao criado para ascender, é mostrada uma paranoia misógina advinda de Strindberg quando coloca as falas de Jean subjugando Julia – e considerando-a louca, uma semimulher por não se portar como o habitual por outras mulheres da sociedade, e acreditar na igualdade social entre os feminino e masculino –, ainda que ele esteja em uma posição social inferior a dela, e essa radicalização dos gêneros culmina na morte da personagem como resultado de suas transgressões.

Ao mesmo tempo, essa mesma paranoia misógina do autor coloca em evidência os interesses feministas que surgem com os tempos modernos, sendo, assim como o dramaturgo norueguês e realista moderno Henrik Ibsen, um dos dramaturgos que faziam representações femininas diferentes do que era visto naquele contexto. Strindberg traz uma narrativa própria e a intensifica com a representação, no plano da arte, radicalizada das relações humanas e de classes sociais, e do jogo de interesses entre as partes.

Um ponto crucial na compreensão é a diferenciação entre misoginia, machismo e sexismo. De acordo com Carneiro (2019):

São três conceitos que estão interligados e sustentam a ocorrência da violência contra a mulher. A misoginia é um sentimento de aversão patológico pelo feminino, que se traduz em uma prática comportamental machista, cujas opiniões e atitudes visam o estabelecimento e a manutenção das desigualdades e da hierarquia entre os gêneros, corroborando a crença de



superioridade do poder e da figura masculina pregada pelo machismo. O sexismo, por sua vez, pode ser definido como um conjunto de atitudes discriminatórias e de objetificação sexual que buscam estabelecer o papel social que cada gênero deve exercer, para isso são utilizados estereótipos de como falar, agir, pensar e até mesmo o que vestir.

A paranóia misógina de Strindberg não difere do comportamento do homem cis hétero na sociedade sobre a mulher e sua liberdade sexual e de estilo de vida aproximados dos masculinos. O falso moralismo que corrompe as necessidades do gênero oposto parece emascular os homens que se rodeiam de mulheres que se impõem e encontram seus lugares nivelados aos postos que antes pertenciam apenas a eles. E parece aterrorizante considerar que mulheres tenham de conviver com o que é análogo à paranóia de um autor do século XIX., mas os reflexos do comportamento machista na sociedade parecem intrínsecos à condição de mulher à luz da perspectiva de tais atitudes. Mingrone (2018) diz que os reflexos desse comportamento e dessa cultura baseada na inferiorização da mulher trouxeram índices desastrosos da violência de gênero, e as entidades internacionais pressionaram por atitudes do Estado. Antes mesmo deste se mobilizar, lutas como a revolução feminista se encarregaram de garantir direitos básicos, sejam com as sufragistas e o direito de votar, ou com a criação da Lei Maria da Penha para maior segurança e combate na violência contra a mulher. Conforme Carneiro (2009), sobre a revolução feminina:

[...] As mulheres que defendem o movimento feminista buscam a disseminação de ideais empoderadores por todas as camadas sociais, com o acolhimento das individualidades de cada mulher e estabelecendo a união entre as diferentes correntes do movimento para seguir promovendo transformações profundas na mentalidade misógina da coletividade.

Desta forma, a dramaturgia do eu descrita e escrita por Strindberg pode se fazer ligada internamente nos dramas singulares que formam o coletivo de histórias femininas espalhadas e escritas pela sociedade e que nem sempre são bem acolhidas, mas muitas vezes julgadas pelos seus direitos de ser. A dramaturgia do eu, tão autobiográfica, traz



nuances da possibilidade de não sucumbência e constante resistência para além de paranóias da psiquê, mas suas projeções do que deveriam nortear uma sociedade com equidade a partir da reeducação das pessoas que a compõem. A criação strindberguiana traz à tona questões de interesses maiores, a seu modo, do que seriam os interesses feministas que ferveria no século seguinte, o que provoca estrondos com as vozes que reivindicam, até os dias presentes, liberdade, equidade e isonomia, coibição da violência de gênero – que, segundo o portal Gênero e Número (2020) através de dados coletados pelo Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM) produzidos de 1996 a 2006, entre as mulheres, o componente de raça também se destaca: mulheres negras são 64% das vítimas de assassinatos entre as mulheres. Torna-se, portanto, uma maneira de escrever que ultrapassa e que pode ser ressignificada e que leva a intimidade para outro nível que não o do constrangimento pela própria emancipação e direito à autonomia feminina.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Wellington. **Sob o signo de Strindberg**. São Paulo: Revista Cult, 2013. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/sob-o-signo-de-strindberg/>. Acesso em: Maio 2021.

ARAÚJO, Inácio. **Longa “Miss Julie”, de Liv Ullman, constrói inferno suave**. São Paulo: Folha de São Paulo, 2015. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/05/1631412-longa-miss-julie-de-liv-ullman-constroi-inferno-suave.shtml>. Acesso em: Maio 2021.

CARNEIRO, Yanna J. Misoginia: você sabe o que é?. **POLITIZE!** São Paulo, 5 ago. 2019. Disponível em: <https://www.politize.com.br/misoginia/#:~:text=A%20misoginia%20%C3%A9%20um%20sentimento,da%20figura%20masculina%20pregada%20pelo.> Acesso em: Novembro 2021.



FREITAS, C. M. G.; LOPES, Cássia. Strindberg e o Drama Autobiográfico. VIII Congresso ABRACE – **Anais ABRACE**, v. 15, n. 1 – Minas Gerais: UFMG, 2014. Disponível em: <https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/view/1885> - Acesso em: Maio 2021.

GÊNERO E NÚMERO. Mapa da Violência de Gênero: Mulheres são quase 67% das vítimas de agressão física no Brasil. Rio de Janeiro, 13 nov. 2020. Disponível em: <https://www.generonumero.media/mapa-da-violencia-de-genero-mulheres-sao-quase-67-das-vitimas-de-agressao-fisica-no-brasil/#:~:text=No%20ano%20de%202017,agress%C3%A3o%20f%C3%ADsica%20registradas%20no%20pa%C3%ADs>. Acesso em: Novembro 2021.

MINGRONE, Mariana. **Feminicídio: o reflexo do machismo na sociedade brasileira.** Conteúdo Jurídico. São Paulo, SP, 14 mar. 2018. Disponível em: <http://www.conteudojuridico.com.br/consulta/Artigos/51433/feminicidio-o-reflexo-do-machismo-na-sociedade-brasileira>. Acesso em: Novembro 2021.

SILVA, Daniella Amaral Diniz da. Estridente Strindberg. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental** [online]. Epub, 2009, v. 12, n. 1, pp. 228-232. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1415-47142009000100018>. Acesso em: Maio 2021.

STRINDBERG. **Senhorita Júlia e outras peças.** Organização e tradução de Guilherme da Silva Braga. São Paulo: Hedra, 2009.